

**Apresentação Água Viva 2018.3**

DOI 10.26512/aguaviva.v3i3.24761

Pessoas que acreditam que a terra seja plana. Pessoas que afirmam que vacinas causam autismo (baseadas em um único artigo que já foi fartamente desmentido). Pessoas que afirmam que o nazismo se alinhava à ideologias de esquerda (inclusive entrando em disputa sobre o assunto com a Embaixada da Alemanha, pois afinal elas, apesar de jamais terem sequer visitado o país, conhecem melhor que o embaixador a história do país dele). O irracionalismo se alastra, elevando a opinião pessoal, que dispensa qualquer validação científica, à expressão incontestável da verdade.

Esse fenômeno tem caráter mundial nesses tempos globalizados, e encontra terreno especialmente fértil em alguns lugares. O que todos os grupos – terraplanistas, antivacinadores, revisionistas, tem em comum, é que declararam guerra à ciência. E consideram que a ciência faz parte de uma grande conspiração mundial que tenta dominar o planeta. Seus credos se resumem a que os grandes laboratórios forcem os pais a vacinarem os filhos para ganhar dinheiro (apesar de que vender medicações para aliviar os sintomas da caxumba, do sarampo, da catapora, renderia muito mais dinheiro); a NASA tenta esconder o fato de que a terra é plana para manter seu gordo orçamento (e todo o farto conjunto de dados que provam o contrário é uma sofisticada falsificação); a esquerda quer tomar o poder e destruir a civilização ocidental (apesar de a Guerra Fria já ter terminado). Em face da grande complexidade que nos envolve, explicações maniqueístas e simplistas são muito atraentes.

É exatamente a junção desses grupos que dá suporte ao ataque à ciência, e no caso do Brasil, à universidade (local em que acontece cerca de 90% da pesquisa científica) que estamos enfrentando presentemente. Esse é exatamente o motivo pelo qual se torna ainda mais importante que a universidade disponibilize os frutos de sua pesquisa, que é o objetivo primeiro da revista Água Viva.

Na presente edição, encontramos o artigo DRUMMOND E A LÍRICA MINEIRA: O DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO, de Sônia Pereira Dias. Partindo da afirmação de Leticia Mallard de que em Versiprosa Drummond opera uma releitura das Cartas chilenas, de Tomás Antônio Gonzaga, Dias procede a uma contextualização histórica de ambos os textos. Ambos foram escritos em contraposição ao poder vigente, embora em claves diferentes, pois Gonzaga utiliza-se do sarcasmo e da ironia, enquanto Drummond é mais sutil. No entanto, alguns traços



estilísticos são compartilhados por ambos os textos, como é demonstrado na análise de Tripé e Reisado do Partido Novo, de Drummond, e das Primeira e Segunda Cartas Chilenas, de Gonzaga. A intertextualidade se estabelece apesar dos textos pertencerem a gêneros distintos.

Mariana da Costa Valim apresenta o artigo ENTRE O DESERTO DE ESPINHOS E O ELDORADO: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO EM TENSÃO COM A MODERNIDADE EM SEARA VERMELHA, expõe a forma como o Romance de 30, aqui encarnado no romance Seara Vermelha, encarou a ideia de modernidade, desde as relações arcaicas estabelecidas no Brasil, especialmente no Brasil rural da região Nordeste. Enquanto os escritores Modernismo abraçaram a modernidade, os do romance de 30 encaram com desconfiança suas promessas de abundância e igualdade entre os homens. Em Seara Vermelha, Jorge Amado acompanha uma família que migra para São Paulo ao ser expulsa da fazenda onde vivia e trabalhava. A promessa de fartura, no entanto, não se concretiza; ao contrário, o êxodo trará desenraizamento (embora a fazenda seja ao mesmo tempo local de abrigo e de exploração). Tanto a natureza quanto a sociedade são indiferentes no melhor e hostis no pior, impondo provações e desfazendo vínculos entre os retirantes. No entanto, é o êxodo que permite a um dos filhos, Juvêncio, o contato com novas ideias e o engajamento político que a narrativa apresenta como a única saída possível para os deserdados da modernidade. Juntamente com o sobrinho, ele retornará ao sertão, levando as ideias libertárias com as quais teve contato.

MNEMOSYNE E AS MUSAS DA PALAVRA (OU A MEMÓRIA E SUAS NARRATIVAS), de Juliana Estanislau de Ataíde Mantovani, nos traz uma análise do romance *Não falei*, de Beatriz Bracher, cujo narrador foi torturado durante a ditadura militar. O narrador evita afirmar que não falou – no caso, não entregou o cunhado e companheiro às forças da repressão, mesmo sob tortura – pois a negativa implicaria admitir a possibilidade. No entanto, ele de fato não lembra de ter falado – e por isso, pode ter falado. Gustavo, o narrador, empreende esse esforço narrativo em busca dessa resposta. Por outro lado, quem de fato fala pelos ausentes, apesar de sua firme fé no poder da palavra (ele é professor) não é ele, é sua filha, ainda uma criança. O artigo discute longamente o conceito de memória; de certa forma, o fato de que quem fala é a criança é uma forma de apontar para a perpetuação da memória dos que morreram.

João Silveira Muniz-Neto assina o artigo PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES E A REPRODUÇÃO DO MESMO EM GAIBÉUS, DE ALVES REDOL, na qual discute o romance que inaugura o Neorrealismo português. Alves Redol lutou contra a censura da ditadura salazarista, o que o fez desenvolver estratégias para contornar esse obstáculo. O



romance tem um protagonista coletivo, o grupo de trabalhadores que se desloca de tempos em tempos e é explorado em suas relações de trabalho. Assim, Muniz-Neto utiliza um aporte teórico baseado em Deleuze, Guatari e Foucault para discutir a formação de subjetividades nesse grupo de pessoas marginalizadas. A teoria marxista e teorias pós marxistas são examinadas a seguir, no que concerne à produção da subjetividade. As linhas de fuga possíveis aos destinos disponíveis para os gaibéus são explorados como elemento construtor de subjetividade. Como o Severino de Melo Neto, eles são despersonalizados, o que os homogeniza. Nesse sentido, são analisadas três personagens femininas, todas ceifeiras, de diferentes idades, cujo destino, entretanto, será idêntico.

Sumaia Calderão da Silva e Alexandra Santos Pinheiro apresentam uma análise do romance *Cruel amor*, de Julia Lopes de Almeida, à luz dos estudos de gênero. O contexto histórico da época é exposto, bem como os dados da biografia da autora, uma militante pelos direitos da mulher que lutou pelo acesso das meninas à educação, destacando o quão revolucionária a autora foi para a sua época. *Cruel amor*, oitavo romance de Julia Lopes de Almeida, foi resgatado pela Editora Mulheres e republicado em 2015 (a data da primeira publicação, em folhetim, é 1908). O locus narrativo é uma comunidade de pescadores e o móvel da intriga são dois triângulos amorosos que transcendem as barreiras de classe e etnia. Rui, filho do coronel local, apaixona-se por Ada, uma moça pobre de grande beleza e personalidade. Vaidosa também, o que acaba atraindo as atenções de outro membro da boa sociedade, Eduardinho, com quem ela acaba fugindo.

O outro triângulo é formado por dois pescadores, Flaviano e Marcos, o primeiro apaixonado por Maria Adelaide, de quem é noivo, apesar das reservas da comunidade quanto à união, dado que ela é branca e ele não. Marcos é branco e ao contrário de Fabiano, também tem boas maneiras, e a moça acaba correspondendo a sua afeição; no entanto, Marcos não pode romper com o código de honra entre pescadores. Quando Maria Adelaide, inspirada pela coragem de Ada, resolve fugir de um relacionamento abusivo e confessa seu amor por Marcos, Fabiano utiliza sua faca de pesca para mata-la. Assim, as duas personagens femininas tentam fugir de um destino de submissão e infelicidade, com finais ficcionais diferentes. Dada a onda de feminicídios que enfrentamos atualmente, o romance deveria ser mais divulgado. Larissa Silva Nascimento, por sua vez, fala da autoria feminina negra em *A LINGUAGEM DA MULHER NEGRA: VOZES QUE TRANSCENDEM O SILENCIAMENTO*. Fazendo frente ao silenciamento que sobre elas recai, mulheres negras utilizam a linguagem poética como



forma de resistência às opressões de gênero, etnia e classe que recaem sobre elas. O artigo apresenta a poética de Jarid Arraes, à luz de teorias elaboradas por teóricas negras, como Angela Davies, Audrey Lorde e Grada Kilomba.

MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA: RELAÇÕES DE GÊNERO NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA, de Salete Rosa Pezzi dos Santos e Manuela Matté, analisa *Duas iguais*, de Cíntia Moscovitch e a forma como a ditadura militar é apresentada no romance. O artigo utiliza o conceito de memória como ferramenta de análise. Narrado em retrospecto, o romance expõe a memória de sua narradora, Clara, sobre o período da ditadura, que coincide com sua adolescência, e as relações afetivas que ela estabelece. Relações de gênero e lutas das mulheres foram parte da história do Brasil no período e também incidem sobre as vivências de Clara.

Daniele Santos Rosa, em *EL EJÉRCITO ILUMINADO, DE DAVID TOSCANA, E A EXPERIÊNCIA DO TEMPO: A COMPLEXA RELAÇÃO ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA*, apresenta o romance do autor mexicano. Formalmente, a narrativa não se organiza em capítulos, mas em trechos, separados por espaços em branco; tematicamente, ele versa sobre um passado em grande medida apagado (referenciado como o ano de 1968) e sobre a guerra entre os EUA e o México pelo território do Texas. Os tempos se intercalam entre os 114 trechos que compõe o romance, 1968 e o tempo da narrativa, que pretensamente se constitui como uma investigação sobre a vida do protagonista, Maltus, um professor de história que não se conforma com a perda do território e, ao ser despedido (exatamente por isso) resolve armar um exército para reconquistá-lo.

Maltus segue um itinerário de maratona que replica o de Paris, como lembrado por uma das personagens; ele se dedica a esse propósito de corpo e alma e é assim que acaba sofrendo um acidente fatal – na verdade competindo com (outra) metrópole que na maior parte do tempo o ignora – como ignora seu país periférico. Comodoro, Azucena, el Milagro, Cerillo e Ubaldo, os membros de seu Exército iluminado, procuram nele um destino maior e mais significativo para eles mesmos, que são jovens portadores de necessidades especiais que não encontram espaço de fato na sociedade. Como Maltus, eles se engajam em uma luta contra um inimigo que não está lá. Esse relatório de derrotas parece resumir as vidas dos personagens e do próprio país. Assim, as derrotas e seu apagamento ficcional replicam as derrotas e apagamentos factuais.



PENSANDO A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOERÓTICA EM ANATOMIA DA NOITE DE MÁRCIO EL-JAICK, de Izaías Serafim de Lima Neto, Auríbio Farias Conceição e Francisco Vieira da Silva, as teorias sobre a identidade pós-moderna de Hall, bem como Bauman, Foucault e Rose constituem o referencial teórico para a análise do romance. Trevisan é utilizado como fonte de reflexão sobre as formas como a homossexualidade é encarada no Brasil. O romance que compõe o corpus em análise tem um narrador-personagem e o tempo da narrativa é uma noite, na qual ele transita por diferentes espaços da cena LGBBT. Ele se envolve em relações casuais, que não desfazem sua solidão.

A psicanálise o ajuda a entender que a relação com o pai está na origem de seu problema, mas não apresenta qualquer solução, e ele reage ao silenciamento, à marginalização, que causam conflitos tanto pessoais quanto interpessoais. A solidão povoada de relações impermanentes é uma forma de segurança, e o desejo de segurança fica incrustado no desejo que não se cumpre. Henrique, o protagonista narrador, se divide em dois, uma identidade pública e outra privada, e seu problema é exatamente não conseguir uma identidade estável que permita o estabelecimento de relações satisfatórias de forma prolongada.

Marlene Rodrigues Brandolt assina CIRCUNSTÂNCIAS DIVORCISTAS NA LITERATURA DE MARIA BENEDITA CÂMARA DE BORMANN (DÉLIA), que versa sobre a obra de Bormann, em particular a defesa do divórcio. O artigo procede a expor rapidamente a situação legal da mulher no período (Primeira República) e a legislação sobre o divórcio, que não permitia novo matrimônio a nenhum dos cônjuges. Em *Lésbia*, de 1890, Bormann apresenta uma defesa do divórcio – sua protagonista decide romper um casamento infeliz, e adota um pseudônimo para escrever e publicar seus livros.

A impossibilidade de encontrar um lugar – um amor – a leva a suicidar-se, uma solução narrativa comum para os personagens que desafiam normas sociais. Celeste, protagonista do romance homônimo (1893), abandona o casamento que a espanca e se dedica a relações fugazes como forma de evitar riscos, e finda por morrer prematuramente. Madalena, também protagonista de romance homônimo (1881) fica viúva, e evita qualquer nova relação por não acreditar em felicidade conjugal após suas experiências. Essas narrativas constituíram uma parte importante da discussão sobre os direitos das mulheres, mas foram silenciadas, como suas protagonistas.



Raquel Wandelli Loth apresenta O ESTADO DE EXCEÇÃO E O ESTADO DE GRAÇA, sobre a obra de Clarice Lispector, notadamente *A Paixão Segundo G.H.* e *Água viva*. Deleuze e Guattari e Lyotard formam o aporte teórico desse texto ensaístico que se debruça sobre os romances enquanto atos de resistência, enquanto máquinas de guerra que se contrapõem ao estado de exceção, procurando instaurar o estado de graça. Isso é feito através de uma desestruturação da estrutura do romance, visando a constituição de uma língua da resistência, que se consubstancia no inumano, no animal, no impessoal.

Trazendo o histórico para seu texto, a autora fecha o texto com a epígrafe com que o abriu, o Post Scriptum de Clarice na crônica Estado de graça: “Estou solidária, de corpo e alma, com a tragédia dos estudantes do Brasil”, referência ao assassinato do estudante Edson Luis no Calabouço, vestígio deslocado do texto que é ainda mais significativo por isso: “P.S.: Estou solidária, de corpo e alma, com a tragédia dos estudantes do Brasil feridos na Universidade Federal de Santa Catarina.”

A CONSTRUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE A PARTIR DA PERSPECTIVA DA PERSONAGEM POMBINHA EM O CORTIÇO, DE ALUÍSIO AZEVEDO, de Juscelino Francisco do Nascimento e Igor Kissler Macedo Carvalho, versa sobre a forma como a sexualidade foi apresentada pelo Naturalismo, através da personagem Pombinha, no romance *O Cortiço*. Romance de tese, *O Cortiço* tem um protagonista coletivo e todos os personagens sofrem um processo de degradação, dentro da visão determinista do período. O artigo se divide em três seções.

A primeira apresenta o Naturalismo no Brasil, dentro de seu contexto histórico; a segunda discute as assunções da época sobre a sexualidade feminina nos círculos científico e religioso, e a terceira, a análise do corpus. A leitura centra-se em Pombinha por vários motivos. Adoentada, frágil, ela atinge os 18 anos sem menstruar, o que retarda também seu casamento, desejado pela mãe viúva que a criou com sacrifício e deseja estabilidade econômica. A amizade com Leonie, que faz a vida, muda sua perspectiva, ao introduzi-la aos prazeres da carne. A partir daí, embora se case como desejava a mãe, ela não se contenta e acaba por trair o marido, que a repudia, e por fim acaba nos braços de Leonie, como deterministicamente teria que acabar, ambas em uma relação e se sustentando da prostituição. Assim Pombinha constitui um apanhado das possibilidades da sexualidade feminina distorcida pela pobreza e pela experiência do lesbianismo.



José Eduardo Sabo Paes, Graciane Cristina M. Celestino e Júlio Edstron S. Santos assinam O ALINHAMENTO TEORICO DA OBRA LITERÁRIA DE ARNALDO GODOY COM A ESCOLA DE CONSTANÇA E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: UM LITERATO HUMANISTA E INTERDISCIPLINAR! apresentam uma análise de *Direito, Literatura e Cinema: Inventário de possibilidades*, de Arnaldo Godoy, utilizando a Estética da Recepção. Um ponto realçado pelos autores é o fato de direito e literatura se efetivam através da palavra escrita, embora os as formas de interpretação dos respectivos textos seja diversa. Igualmente, ambas as áreas visam intervir no tecido social de forma civilizatória. A análise centra-se no capítulo intitulado Cinema, que analisa seis textos literários adaptados para a tela.

Godoy utiliza o conceito de intertextualidade na vertente da estética da recepção, dando relevo ao papel do leitor na atualização do texto literário. Godoy aponta as intertextualidades entre O nome da rosa e a obra de Jorge Luís Borges e em *O leitor*, a alusão a Habermas; As lanternas vermelhas e A vida dos outros também são examinados, em relação a opressivas relações de gênero e a existência de uma ditadura. A leitura de *Tempo de matar* e Sob a mesma lua reflete sobre questões da cultura popular e da globalização. Os autores destacam o estabelecimento de relações entre o direito e a literatura por Godoy ao longo da obra.

Na seção Espaço literário, encontramos o poema Livros, de Laurenice Nogueira da Conceição, que desvela uma relação afetiva, por vezes erótica, sempre emocionada, com os livros que passam a fazer parte da leitora. Aqui também Roy David Frankel apresenta O OLHAR DO CONVALESCENTE, um belo poema sobre melancolia e laços humanos. Seu poema Amor, também apresentado aqui, utiliza tropos das poéticas medieval e árcaica, para apresentar uma reviravolta na última estrofe.

À guisa de conclusão, é interessante apontar que todos os artigos aqui apresentados se debruçam sobre obras que versam sobre membros de minorias, sobre ditaduras e as formas como a literatura se contrapõe a regimes de exceção.

Profa. Dra. Cintia Carla Moreira Schwantes

Editora-Chefe da Revista Água Viva